

O Padre Pedro de Almeida, Comentador de Suetónio

Justino Mendes de Almeida*

*A Maria Isabel Rebelo Gonçalves,
pela muita amizade e admiração pela
sua Aluna dilecta, dedica o autor.*

1. No ano de 1722, o livreiro Adriano Moetjens editava em Haia (*Haga Comitum*) uns comentários aos oito livros dos *Doze Césares*, de Suetónio, destinados ao conde de Vimioso, D. José de Portugal, da autoria do jesuíta Pedro de Almeida.

A obra de Suetónio era muito conhecida e citada em Portugal (aqui tenho, por exemplo, na minha frente, um excelente exemplar da edição de Utreque, 1691, que pertencia à livraria do marquês de Alegrete), como tivemos já oportunidade de comprovar em estudo publicado há anos, mas não tínhamos desse autor edição portuguesa ou devida a um português, e muito menos, comentada. A que se deve então esta edição de Suetónio e por que razão vai ela surgir na Haia?

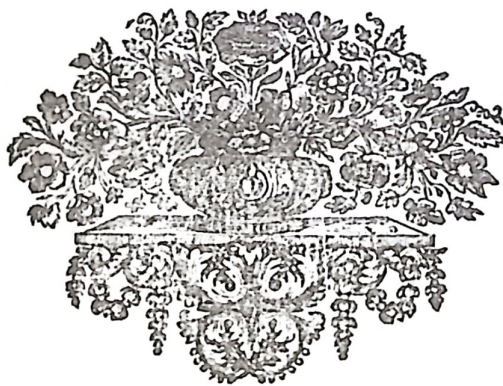
2. Antes de começar a exploração das páginas do texto, digamos que, após o rosto da obra, se apresenta um belo retrato do 9.º conde de Vimioso, D. José Miguel João de Portugal, devida a Jacob Houbraken. O conde tem um ar jovem, em idade escolar, ainda que use uma extensa cabeleira loira, típica da época joanina, e tenha vestida uma armadura metálica, à qual se sobrepõe, lançado sobre o ombro esquerdo, um manto curto; em torno do pescoço, usa um lenço branco bordado.

Na f. 2, a encimar o texto, vê-se uma bela gravura, esta devida a F. Ottens, na qual se representa a musa da História a oferecer a Minerva, ou Palas Atena, a obra de Suetónio; entre as duas figuras, vêem-se, seguras por um anjo, as armas dos Vimioso, com os escudos portugueses, cinco, entre cruzeiros de Avis, em aspa. A composição do desenho, com outros elementos secundários, como árvores, nuvens e uma estrutura arquitectónica, resulta de uma grande beleza e equilíbrio clássico.

* Professor Catedrático e Reitor da Universidade Autónoma de Lisboa.

Almeida
1858

IN CAII SUETONII
TRANQUILLI
DE
XII. CÆSARIBUS
LIBROS VIII.
COMMENTARII
AD USUM
EXCELLENTISSIMI COMITIS VIMIOSANI
D.D. JOSEPHI PORTUGALLENSIS
Per PETRUM ALMEIDAM Soc. JESU.



HAGÆ-COMITUM,
Apud ADRIANUM MOETJENS.
M. DCC. XXVII.

Fig. 1 – Rosto dos comentários de Pedro de Almeida aos *Doze Césares* de Suetônio (exemplar do autor).



Fig. 2 – Retrato do 9º conde de Vimioso, D. José de Portugal, por Jacob Houbraken.

3. A dedicatória ao conde de Vimioso preenche as ff. 2 e 3r.

Pedro de Almeida, reflectindo sobre se deveria dedicar estes comentários a D. José ou a seu pai, decide colocá-los sob a égide do filho. Não que o marquês, a tantos títulos ilustre, não merecesse essa homenagem, mas ele mesmo haveria de preferir, como excelso pai, que o nome do filho fosse antes memorado, filho cumulado por Deus de dotes singulares, em tudo semelhante ao pai, de quem em nada destoa, e assim tudo o que for destinado ao filho é como se o fora ao pai. O marquês induzira Almeida a editar os seus «Césares Tranquilinos», os quais se destinam a aproveitar aos jovens que, através da aprendizagem da língua latina, se dedicam ao estudo. Também por esta razão, os *comentários* são dirigidos não ao Pai, mas ao Filho, que, em Portugal, é outro *Príncipe da Juventude*, à maneira dos filhos dos Césares em Roma.

«Aceita, pois, com a habitual benevolência, com que interpretas tudo o que de mim, teu grande admirador, se destina a homenagear-te, esta oferta indigna da tua excelsa dignidade, pois é uma forma de perseverares no culto dos valores morais e culturais, para que venhas a ser, cada vez mais, igual a teu pai.

Lisboa, Colégio de S. Patrício, ano do Salvador de 1722, nos Idos de Janeiro.»

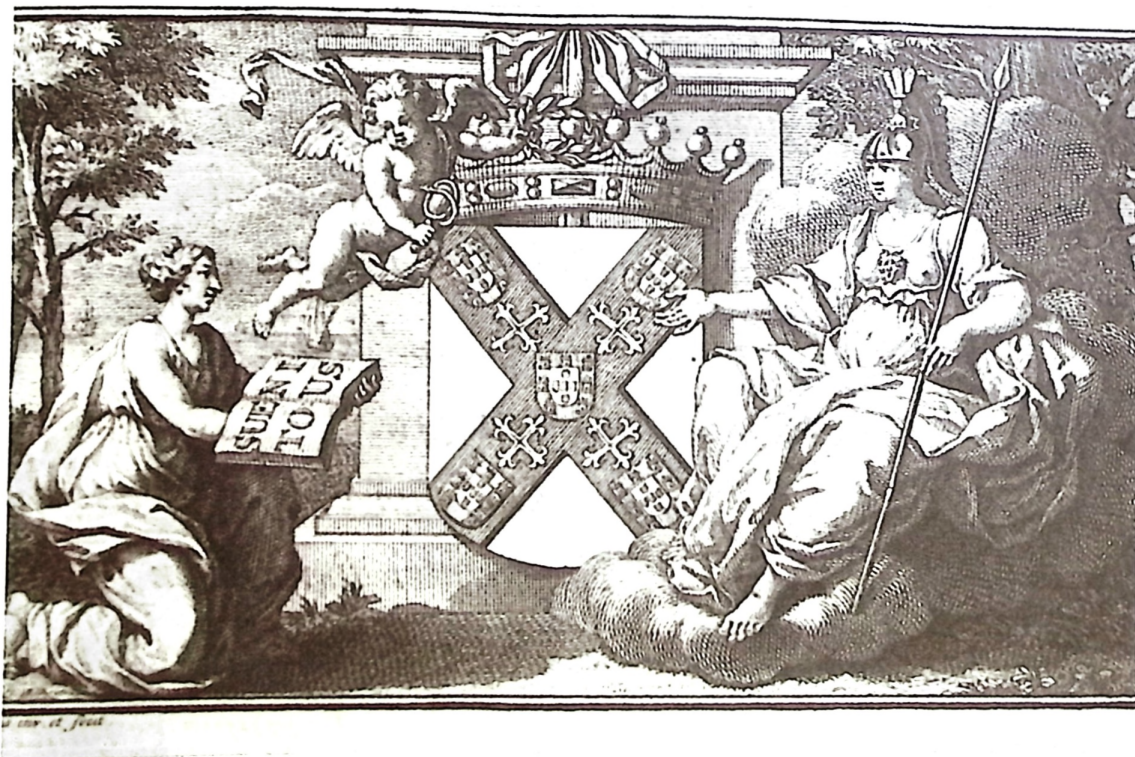


Fig. 3 – Clio apresenta a Minerva (ou Palas Atena) a obra de Suetónio; seguras por um anjo, as armas dos Vimioso, com cinco escudos portugueses, entre cruzes de Avis, em aspa. (Gravura de F. Ottens).

Esta a razão particular da edição. Na Haia, porquê? Naturalmente, por dificuldades de edição em Portugal de um texto tão exigente.

4. No prólogo à *juventude estudiosa*, Almeida recorda que esta sua edição dos *Césares* é completa, e não como a anterior, que só continha os cinco primeiros. Esta agora apresenta-se também muito ampliada nos comentários para que melhor possa servir aos estudantes. Recorda os juízos de Lísio, Casaubono e Torrêncio, comentadores antigos e exaustivos dos *Doze Césares*, acerca de Suetónio, não deixando de lembrar outros intérpretes como Beroaldo, Marco António Sabélico, Teodoro Marcílio, Agostinho Babelónio, João Baptista Inácio, Grévio e tantos outros, aos quais deve muito dos seus comentários. No entanto, não deixa de advertir que eliminou do texto tudo o que lhe pareceu impudico ou obsceno.

5. A *aprovação* é de Carlos António Casnedo, visitador da Companhia de Jesus e provincial da província de Portugal; datada de Lisboa Ocidental, 16 de Setembro de 1723, autoriza a impressão dos *Comentários aos 8 Livros dos 12 Césares*, de Gaio Suetónio Tranquilo, da autoria do padre Pedro de Almeida, antigo professor de Retórica na Companhia de Jesus.

6. A obra inicia-se com um índice dos oito livros por capítulos, cada um encimado por uma rubrica geral, que é uma síntese do assunto de cada capítulo.

O texto e os comentários em pé-de-página começam a p. 1 do caderno A. São de tal maneira pormenorizados, que quase abrangem todas as palavras do texto, e, sendo sobretudo de natureza histórica, têm também interesse literário, gramatical e até textual. Redigidos totalmente em latim (não há, nas cerca de mil páginas da obra, uma só palavra portuguesa), difícil se torna distinguir entre o que é original de Almeida e o que pertence a comentadores precedentes. Só a comparação das anotações permitirá diferenciar o que é original. Nós, porque tivemos oportunidade de estudar, em extensão e profundidade, o texto dos *Doze Césares*, podemos afirmar que há muito de original nas notas de Pedro de Almeida, não tanto na erudição como na explicação apresentada. Traduzamos, por exemplo, a sua explicação para o cognome *Caesar*:

«*Caesar* foi cognome dos *Júlios*; o primeiro que o usou foi assim cognominado ou porque, rasgado o ventre de sua mãe, teria nascido com farta cabeleira, ou porque teria olhos esverdeados, ou seja, glaucos, ou porque teria morto em combate, em África, um elefante, que em língua púnica se chama *Caesar*.»

Se bem que nesta explicação nada haja de original, contudo em nenhum dos comentadores precedentes se encontra tão pormenorizada.

Ainda no cap. I da *Vida de Júlio César*, comparemos o comentário de Babelónio com o de Almeida, a propósito do vocábulo *Dictatore*:

Babelónio: «*Sylla primus Romae perpetuam induit dictaturam, cum semestris ante vix foret ea dignitas.*»

Almeida: «L. Sylla perpetuam dictaturam primus gessit, cum antea vix semestris foret ea dignitas: qua tamen se tandem ultro abdicavit.»

Almeida, tendo conhecido o comentário de Babelónio, não se limitou a reproduzi-lo, mas ampliou-o.

Note-se ainda neste cap. a observação de Almeida, a propósito de *desponsata*, que Babelónio deixou sem comentário:

«Quidam scribunt, disponsata, ut & in antiquis lapidum inscriptionibus saepe: econtra vero dejudicare, deminuere in aliis legitur.»

Portanto, uma louvável preocupação de mencionar as *variae lectiones* do texto dos *Doze Césares*.

7. Por mim, não considero esta edição do padre Pedro de Almeida inferior às demais, até à introdução, é evidente, dos modernos critérios de exigência crítica nas edições do séc. XIX, devidos, sobretudo, a filólogos alemães. Mas é estranho que as edições de Pedro de Almeida se não encontrem mencionadas nos índices de edições de Suetónio, como aquela da edição de Veneza, 1844, que consta de 195 edições do Tranquilo. E isto é tanto mais para estranhar, quanto a edição ampliada não foi feita em Portugal, mas sim na Haia. De resto, a sorte dos comentadores ou editores portugueses de Suetónio – dois apenas: Aquiles Estação e Pedro de Almeida – não parece ter sido muito favorável. As edições de Pedro de Almeida passaram despercebidas; as de Aquiles Estação, com comentários ao texto dos *Gramáticos e Retores*, ou vêm mal citadas (1565, em vez de 1567), ou falsamente atribuídas a outrem, como é o caso da edição de Lião, que dá como sendo de João Baptista Inácio os comentários de Aquiles Estação.

Em minha opinião, o maior defeito das edições de Almeida (há duas edições: uma de 1715, abreviada, que abrange apenas os cinco primeiros césares, e esta de 1727, de que nos ocupamos) é não ter aproveitado o texto dos *Doze Césares* para, nos comentários e quando viesse a propósito, fazer a ligação à história da Lusitânia, ou, se se quisesse, da Hispânia, como, por exemplo, quando o Tranquilo refere, no cap. VIII da *Vida de César*, o súbito regresso do Militar da Hispânia Ulterior, ou ainda mais a propósito (entre outros, *César*, LIV, *Otão*, III), quando menciona a guerra Viriata (exemplo único que conheço deste adjectivo na língua latina, no cap. III da *Vida de Galba*). Mas, repito, estas edições do humanista português não são inferiores às demais do seu tempo.

8. A cidade de Évora, berço de humanistas, poderá também orgulhar-se de ter sido um eborense o primeiro e único comentador português do texto dos *Doze Césares*, de Gaio Suetónio Tranquilo, já que o quinhentista Aquiles Estação, glória das Letras lusas em Roma, apenas se ocupou dos *Gramáticos e Retores*. O padre Pedro de Almeida, um dos cinquenta académicos fundadores da Academia Real da História Portuguesa, para a qual devia compor as *Memorias Ecclesiasticas do Bispado do Porto*, segundo Barbosa Machado, foi ainda autor de epigramas latinos, além de se ter dedicado ao ensino da Retórica, da Oratória e da Poética e de ter sido reitor do Colégio dos Irlandeses, em Lisboa.

Não sendo figura de primeiro plano nos estudos clássicos, no entanto deverá constar, por direito próprio, como editor e comentador, da *Biblioteca Portuguesa de Autores Gregos e Latinos*, trabalho que ainda está por fazer, mas virá a encontrar, estamos disso certos, um classicista entusiasta que o enfrente.

C. S U E T O N I U S
T R A N Q U I L L U S ,

EX RECENSIONE

J O A N N I S G E O R G I I G R Æ V I I

C U M E J U S D E M

A N I M A D V E R S I O N I B U S ,

U T E T

C O M M E N T A R I O I N T E G R O

L Æ V I N I T O R R E N T I I , I S A A C I C A S A U B O N I *Auctoris huius*

& T H E O D O R I M A R C I L I I ,

Nec non

S E L E C T I S A L I O R U M .

Editio secunda auctior. & emendatior.



H A G E - C O M I T I S .

Apud J O H A N N E M à V E L S E N , Bibliopolam, M.DC.XCI.

& T R A J E C T I A D R I E N U M ,

Typis RUDOLPHI à ZYLL, & ANTHONII SCHOUTEN, Bibliop.
Cum Privilegio.

Fig. 4 – Rosto do Suetônio da livreria do marquês de Alegrete (Utreque, 1691), hoje na posse do autor deste artigo.